

Revista Adventista

ESCOLA DO LAR

por E. G. WHITE

Em Sua sabedoria o Senhor determinou que a família seja o maior dentre todos os factores educativos. É no lar que a educação da criança deve iniciar-se. Ali está a sua primeira escola. Ali, tendo seus pais como instrutores, terá a criança de aprender as lições que a devem guiar por toda a vida, — lições de respeito, obediência, reverência, domínio próprio. As influências educativas do lar são uma força decisiva para o bem ou para o mal. São, em muitos sentidos, silenciosas e graduais, mas, sendo exercidas na direcção devida, tornam-se factor de grande alcance em prol da verdade e da justiça. Se a criança não é instruída correctamente ali, Satanás a educará por meio de factores da sua escolha. Quão importante, pois, é a escola do lar!

Na escola do lar, que é o curso inicial, deve-se utilizar o melhor talento. Sobre todos os pais repousa o dever de proporcionar instrução física, mental e espiritual. Deve ser o objectivo de cada pai alcançar para seu filho um carácter bem equilibrado, simétrico. Esta é uma obra de não pequena grandeza e importância, que requer ardoroso pensamento e acção, não menos que esforço paciente e perseverante. Deve pôr um fundamento correcto, erigir uma armação forte e firme, prosseguindo então, dia após dia, na obra de edificar, polir, aperfeiçoar.

As crianças podem ser adestradas para o serviço do pecado, ou para o serviço da justiça. Diz Salomão: «Instrui o menino no caminho em que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará dele.» Prov. 22:6. Esta maneira de falar é positiva. O ensino que Salomão ordena, consiste em dirigir, educar, desenvolver. Mas a fim de fazerem os pais esta obra, devem eles próprios compreender o «caminho» em que a criança deve andar. É impossível aos pais darem a seus filhos o devido ensino, sem que eles primeiramente se entreguem a Deus, aprendendo do grande Mestre lições de obediência à Sua vontade.

Pais, seja simples a instrução que dais a vossos filhos, e certificai-vos de que ela é claramente compreendida. As lições que aprendeis da Palavra, deveis apresentar às mentes juvenis, tão claramente que não deixem de compreender. Por meio de lições simples, tiradas da Palavra de Deus, e da própria experiência, podeis ensiná-los a conformar a vida à mais elevada norma. Mesmo na infância e juventude podem aprender a viver vida ponderada, séria, que produzirá rica messe de bem.

Em todo o lar cristão, Deus deve ser honrado pelo sacrifício de oração e louvor, de manhã e à noite. As crianças devem ser ensinadas a respeitar e reverenciar a hora da oração. É dever dos pais cristãos, pela manhã e à noite, mediante oração fervorosa e perseverante fé, fazer em redor de seus filhos uma sebe.

Na igreja do lar devem as crianças aprender a orar e confiar em Deus. Ensinai-as a repetir a lei de Deus. Com referência aos mandamentos, ensinou-se aos Israelitas: «E as intimarás a teus filhos, e delas falarás assentado na tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te.» Deut. 6:7. Vinde humildemente, com o coração cheio de ternura, e com intuição das tentações e perigos que estão diante de vós e de vossos filhos; pela fé ligai-os ao altar, rogando para eles o cuidado do Senhor. Ensinai as crianças a proferirem as suas simples palavras de oração. Dizei-lhes que Deus se deleita em que elas clamem a Ele.

Passará o Senhor do céu por alto a tais lares, sem deixar bênção alguma ali? — Não, por certo. Anjos ministradores guardarão as crianças que assim são dedicadas a Deus. Eles ouvem o oferecimento de louvores e a oração da fé, e levam as petições Àquele que ministra no santuário em favor do Seu povo, e oferece os Seus méritos em prol deles.

As crianças que não experimentaram o

(Continua na página 8)

Regozijai-vos sempre ⁽¹⁾

Por A. V. OLSON

Para nossa meditação, vamos ler um texto muito breve: «Regozijai-vos sempre no Senhor; outra vez vos digo, regozijai-vos.» Fil. 4:4.

Que nos é dito devermos fazer? «Regozijai-vos». Em quem nos devemos regozijar? Quando nos devemos regozijar? «Sempre no Senhor».

Algumas pessoas formam um conceito muito errado dos cristãos. Pensam que o cristão deve forçosamente ser uma pessoa de rosto comprido. Não! Ele deve ser a pessoa mais alegre do mundo.

Isto não quer dizer que o cristão não deva passar por dificuldades. Disse Jesus: «No mundo tereis aflições; mas tende bom ânimo: Eu venci o mundo».

O cristão tem de enfrentar as aflições da vida. Tem de suportar o frio do Inverno e o calor do Verão. Se pudéssemos evitar todas as aflições por que passam os cristãos, haveria um grande número de pessoas que acorreriam para a Igreja. Não seriam, porém, verdadeiros cristãos. Seriam o que na China se chama «cristãos de arroz». E nós não queremos isso.

Disse Jesus: «No mundo tereis aflições». No mundo temos aflições. Mas as provas nem sempre são uma maldição; são, por vezes, uma bênção.

Em Isaías lemos: «Eis que te purifiquei, mas não como a prata: provei-te na fornalha da aflição.» Em Malaquias encontra-se o mesmo pensamento em linguagem diferente: «E assentar-se-á, afinando e purificando a prata: então o Senhor trará ofertas em justiça.» Há muita escória que tem de ser eliminada se queremos estar aptos para o reino de Deus.

Quando o sol brilha e tudo corre bem esquecemo-nos de Deus facilmente. Há anos fazia eu uma viagem por mar, de Marselha para Alger. Era um belo dia. O sol brilhava e o mar estava calmo. Os passageiros estavam alegres, brincando alguns, outros jogando cartas, e não se ouvia ninguém falar de Deus. Súbitamente, os céus escureceram e desencadeou-se uma violenta tempestade. Em breve as ondas invadiam o barco. Desceram-se os salva-

-vidas. Que pensais faziam então os passageiros? Homens e mulheres que nunca tinham orado caíam de joelhos, orando. Por vezes, é esta a única maneira que Deus tem de nos fazer voltar para Ele, tão distraídos andamos.

Por outro lado, as dificuldades desenvolvem a paciência. Lemos em S. Tiago 1:2, 3: «Meus irmãos, tende grande gozo quando cáirdes em várias tentações, sabendo que a prova da vossa fé obra a paciência.» Necessitais vós de paciência? Eu necessito.

Há tantas coisas neste mundo que nos podem fazer perder a paciência: Por exemplo, a mãe em casa com tanto trabalho por fazer e com os filhos em volta dela é tentada a perder a paciência. O mesmo sucede aos pais: são tentados a dizer palavras desagradáveis. Muitas vezes, temos razão para nos arrependermos da nossa falta de amabilidade. Mas se quisermos ir para o reino de Deus temos de desenvolver a paciência. Moisés era um homem de paciência. Lemos que era o homem mais manso que jamais existiu sobre a terra. E no entanto uma vez perdeu a paciência e por isso foi-lhe negada a entrada na terra prometida. Também nós precisamos de desenvolver a paciência e outras coisas mais.

«Importa, sendo necessário, que estejais por um pouco contristados com várias tentações. Para que a prova da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro que perece e é provado pelo fogo, se ache em louvor e honra e glória na revelação de Jesus Cristo.» Ped. 1:6,7.

Sim, a nossa fé deve ser provada. É a única maneira como podemos saber se temos fé. Não precisamos de muita fé quando tudo nos corre bem, mas quando as coisas começam a tornar-se difíceis então descobrimos se, na realidade, temos fé. Se temos fé em Deus, podemos até cantar no meio da tribulação.

Lembro-me de um caso passado na Roménia. Dois colportores foram presos. As suas mãos foram algemadas, as suas costas flageladas até correr sangue. Foram depois lançados numa escura cela. Que pensais faziam eles ali? Lamentavam a sua sorte? Entregavam-se ao desânimo? Não!

(1) Sermão pregado na igreja de Lisboa, em 29 de Janeiro de 1955, e aí estenografado.

Começaram a cantar. Cantaram belos hinos, que podiam ser ouvidos pelos transeuntes. Alguns destes pediram autorização para falar com aqueles presos. Ao verem-nos feridos, ensanguentados, perguntaram-lhes: «Como podeis vós ainda cantar?» «Somos servos do Deus Altíssimo e temos Jesus em nossos corações», responderam eles. «Como, nos vossos corações?» perguntaram ainda. Então, alegres, falaram acerca de Jesus, do Seu sacrifício, morte e ressurreição, da Sua ascensão e da Sua segunda vinda. Algumas dessas pessoas, como resultado, entregaram o seu coração a Jesus.

Nós, irmãos e irmãs, necessitamos dessa espécie de fé, desenvolvida através das provas, que nos habilita a cantar no meio das dificuldades.

Mas temos outras razões para nos regozijarmos. Por exemplo, pelo dom da vida. Eu estou tão grato a Deus pela vida! Eu amo a vida. Amo a vida e não a morte. A morte é uma inimiga, mas uma inimiga que Deus vai destruir. Estou tão grato a Deus por viver hoje! Mas não só estou grato pela vida; também pela saúde e por ter uma mente, que me distingue dos animais irracionais. É maravilhoso ter uma mente para compreender. Deus fez-nos, na verdade, um pouco menores do que os anjos. Dotou-nos de faculdades para podermos disfrutar as coisas. Quanto eu aprecio, à noite, olhar para o céu e contemplar as miríades de estrelas cintilantes, que nos falam acerca de Deus, do Seu amor, do Seu poder para salvar. E não só as belezas do céu, mas também as belezas da terra. Já reparastes como o que nos cerca é belo? Quanto amo as flores, por exemplo!

Devemos também estar gratos a Deus pelos nossos entes queridos. Estou reconhecido a Deus pelo meu lar, pela minha mulher, pelos meus filhos. É tão bom termos um lar onde podemos descansar e onde a chama do amor jamais se apaga!

Temos os nossos amigos. São os amigos que fazem que a vida seja digna de ser vivida. Estou grato a Deus pelos meus amigos.

Mas há mais motivos para estarmos gratos. Por exemplo, pela fraternidade cristã. «Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e da família de Deus.» Efés. 2:19.

Já não somos estrangeiros, mas concidadãos. Os homens odeiam-se e estão vazios de amizade; contendem uns com os outros e as nações fazem preparativos

para guerras. Inventam engenhos de morte e vivem temendo-se mutuamente. Mas nós nutrimos sincera fraternidade. Deus reúne-nos de todas as partes do mundo e de todas as cores, e torna-nos uma só família. Põe algo nos nossos corações, que nos liga uns aos outros. Quando partir para a África, verei só rostos escuros, mas estarei no meio de irmãos. Porei os meus braços em volta deles e eles porão os seus em volta de mim? Porquê? Porque Deus nos fez membros da mesma família. Irmãos e irmãs, regozijemo-nos na fraternidade cristã.

Mas há mais. «Eis que vos dou poder para pisar serpentes e escorpiões, e toda a força do inimigo não vos fará dano algum. Mas não vos alegreis por se vos sujeitarem os espíritos; alegrai-vos antes por estarem os vossos nomes escritos nos céus.» Luc. 10:19, 20. Por que nos devemos alegrar? Por estarem os nossos nomes escritos nos céus. Significa isso algo para nós? Na Inglaterra, em certas épocas do ano, todos podem ir saudar a rainha, desde que tenham inscrito o seu nome no respectivo livro. Vêm pessoas de toda a parte. Sei de jovens americanas que farão tudo para se aproveitar do privilégio desses dias. Mas isso não tem grande importância, em comparação com o privilégio que nos é dado de termos o nosso nome escrito nos céus. Que significa isso? Que os nossos pecados foram apagados. Que quando Jesus vier, nos conduzirá e nos apresentará ao Pai, dizendo: «Este é F. Amo-o. Dei a Minha vida por ele.» Oh! que doce esse momento! Espero que, também a mim, Jesus apresente a Seu Pai. Pensai no feliz momento em que o Pai porá a Sua mão sobre as nossas cabeças, em que O poderemos contemplar.

Tendes o vosso nome escrito? Eu tenho o meu nome escrito. Tenho disso a certeza, porque Jesus o prometeu. Confessei os meus pecados e aceitei a Jesus, e por isso sei que o meu nome está ali escrito e que Ele não apagará o meu nome se eu continuar a amá-lo.

Há ainda outras coisas pelas quais devemos regozijar-nos. Leiamos em I Cor. 13:6: «Não folga com a injustiça, mas com a verdade.» E em João 17:17 é dito: «Tua palavra é a verdade». Na Bíblia está a verdade. Estou tão grato a Deus por este livro! E vós não estais gratos? Que representa ele para vós? Ele é tudo para mim. Sem este livro, não valia a pena viver, o mundo seria tenebroso.

Quando o Ir. Bauer, um dos dirigentes

da Roménia, foi condenado a um ano de prisão, tiraram-lhe tudo, deixando-lhe apenas a Bíblia. Na cela era a Bíblia o seu conforto. Mas um dia tiraram-lhe a Bíblia. Então ele chorou! Tiraram-lhe o seu último tesouro.

Em certa altura, na Jugoslávia, as Bíblias foram destruídas. Quem encontrasse alguma, mesmo muito velha, estaria disposto a dar tudo por ela. Um irmão visitou depois os nossos membros, e perguntou-lhes qual era a coisa que mais desejavam. A resposta foi unânime: Bíblias. Foi dada então uma a cada família. E sabem o que fizeram ao recebê-las? Beijaram-nas e apertaram-nas contra o coração. Lágrimas de alegria corriam em todos os rostos. A Bíblia é maravilhosa. Ela nos revela a vida eterna. Agradeçamos a Deus pela Bíblia.

Em Rom. 5:2 e 12:12 é-nos dito para nos alegrarmos na esperança. Tendes vós esperança em vossos corações? Alegrais-vos na esperança? Em Tito 2:13 a vinda de Jesus é chamada «a bem-aventurada esperança». Temos a esperança de que Jesus virá em breve buscar os Seus como Rei dos reis e Senhor dos senhores, para conduzi-los ao lar. Esta é a nossa esperança máxima, a bem-aventurada esperança. Ler 1 Cor. 15:51-58. Esta bem-aventurada esperança tem-me animado toda a minha vida. Sei que, suceda o que suceder, a morte não constitui o fim. Jesus vai voltar. Ler 1 Tess. 4:13-17.

Temos nós razão para as lágrimas e para andarmos de rosto comprido? Não

devemos antes ter júbilo em nossas faces? Como poderíamos deixar de cantar, se temos uma esperança como esta, se esperamos uma vida com Deus, com os nossos entes queridos e com os nossos amigos? Eu amava os meus pais. Eles eram bondosos e admiráveis. Quando eu vivia na Europa e tinha de ir à América, a minha primeira visita era para eles. Agora descansam. Mas dia virá em que de novo verei o meu pai e a minha mãe, em que os estreitarei contra o meu peito.

Pensai no momento em que havemos de ver Jesus, Aquele que morreu por nós, que nos ama e a quem aprendemos a amar sem que jamais o tenhamos visto. Que emoção a nossa, quando nos for dado contemplar a Sua face!

Havia uma menina cega de nascença, a cujos pais um médico disse que poderia fazer algo por ela. Foi submetida a uma operação, e quando lhe tiraram a última ligadura, ela ficou a ver. Sentiu então passos, através da porta. Era o seu pai. Lançou-se-lhe ao pescoço e começou a chorar de alegria. «Porque choras?», perguntaram-lhe. «Porque eu sabia que o meu pai era bom, mas nunca pensei que o seu rosto fosse tão bondoso.»

Nós sabemos que Jesus é bom, mas ainda não vimos a Sua face. Pensai no momento em que ouviremos a Sua voz, contemplaremos a Sua face e sentiremos a Sua mão sobre a nossa cabeça.

Sejamos gratos pelas coisas que recebemos e pelas que nos estão prometidas, e regozijemo-nos sempre no Senhor.

ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

O Imperador da Etiópia e os Adventistas

Hailé Selassié tem sempre mostrado o maior interesse em relação à obra realizada pelos adventistas na Etiópia. Esse interesse levou-o a tornar possível o estabelecimento e manutenção de escolas, estações missionárias e hospitais adventistas no seu país. O Movimento tem ali quatro hospitais, que lhe foram oferecidos por Sua Majestade Imperial. A Sr.^a Deela Hansen, esposa de um missionário adventista, exerce as funções de governanta do palácio.

Durante a sua recente viagem aos Estados Unidos, Hailé Selassié esteve no nosso Sanatório de Glendale, na Califórnia, acompanhado da sua comitiva. Ali passou três horas, ali jantou com cerca de setenta convidados, e ali teve lugar a única conferência dada por ele à Imprensa na região de Los Angeles, encontrando-se presentes

uns cem repórteres. Perante estes, elogiou os nossos médicos e missionários, dizendo: «Eles terão plena cooperação do meu governo.»

Carteiro baptizado em Florença

Em Florença, Itália, o nosso Curso Bíblico por Correspondência tem um exército de estudantes regulares, e por conseguinte recebe diariamente uma grande quantidade de cartas. Também cada dia há igual volume de correspondência que sai do escritório, para ser lançado num marco de correio próximo.

Há cerca de um ano, o carteiro que tira o correio deste poste sentiu curiosidade acerca da organização que tão regularmente o enchia. Dirigiu-se ao escritório do Curso Bíblico por Correspondência para satisfazer a sua curiosidade acerca da

organização responsável por aquela enchente de cartas. Não só lhe foi mostrado o escritório, mas foi convidado a inscrever-se como aluno.

Há pouco, ele e sua esposa foram batizados. Ambos estavam presentes quando se realizou a sessão da União Italiana, e nessa altura falaram-me da sua alegria no Senhor e de quão felizes se sentiam em serem membros da nossa igreja de Florença. — *M. V. Campbell.*

A colportagem ganha almas

Os colportores da União do Pacífico (Estados Unidos) estão realizando um grande trabalho para Deus. Os relatórios de vendas são notáveis, e o relatório de almas ganhas é muito animador. A seguinte informação, que nos foi enviada por A. G. Sutton, secretário de publicações da União, refere-se a um recente período de doze meses:

Número de pessoas batizadas como resultado do contacto de colportores	144
Número de pessoas que frequentam a igreja como resultado do contacto de colportores	532
Número de pessoas seguindo estudos bíblicos como resultado do contacto de colportores	845
Número de inscrições no Curso Bíblico por Correspondência como resultado do contacto de colportores	19.812
Peças de literatura distribuídas	129.616
Número de antigos adventistas contactados	340

Os dirigentes das Publicações na União do Pacífico estão dando forte ênfase à conquista de almas através da colportagem. — *D. A. McAdams.*

Deus o abençoe, meu irmão

Um dos nossos colportores da ilha da Trindade vendeu uma revista a um homem, e esqueceu o incidente. Poucos meses depois foi abordado por esse mesmo homem, na estrada, que lhe bateu no ombro, e disse: «Deus o abençoe, meu irmão. Sou agora adventista do sétimo dia.» Também disse ao colportor onde era membro. No dia seguinte o nosso irmão pôs-se em contacto com o dirigente da Igreja, para verificar a verdade do que o homem lhe tinha dito. Para sua grande alegria, o colportor foi informado de que o homem era um fiel membro de igreja, e que desde a sua conversão tinha sido instrumento para ganhar outros sete à Verdade.

Uma dádiva para a Escola Sabatina

Lembro-me, dizia a irmã Flora Plummer, quando directora do Departamento da Escola Sabatina da Conferência Geral, de uma vez em que eu estava fazendo um fervoroso apelo em favor de ofertas missionárias, numa reunião geral. Pretendia tocar o coração das pessoas abastadas, que tinham recursos de sobra, mas não estavam fazendo sacrifícios como poderiam. Ao findar o meu apelo, uma irmã velha e pobre, trajando vestido de chita, as mãos calejadas e desfiguradas pelo trabalho duro, veio para a frente e pôs-

-me nas mãos certa importância, destinada às missões. Fiquei surpreendida com o vulto da importância, sendo ela uma pessoa que parecia tão pobre, e sentei-me a seu lado para conversar com ela. Disse-me então que havia três anos que estava poupando dinheiro para comprar um colchão. O seu reumatismo tornava-lhe muito inconfortável o colchão velho que tinha, mas depois de ouvir as minhas palavras sobre as missões, resolvera desistir do colchão novo, que pretendia comprar, e dar o dinheiro ao Senhor. Não pude reter as lágrimas. Procurei levá-la a não dar *tudo* o dinheiro, mas vi que lhe estava ferindo os sentimentos, de maneira que o recebi. Como o Senhor deve ter avaliado aquele dinheiro! Talvez tenha salvo uma multidão de almas!

Uma leal Igreja na ilha Pitcairn

O programa missionário do Movimento Adventista nos Mares do Sul começou na ilha Pitcairn. Logo depois de o nosso primeiro navio missionário *Pitcairn* ter ancorado na Baía Mounty e de ter chegado o missionário Gates, organizou-se uma igreja. A sua luz brilha ainda intensa.

Embora muitos filhos e filhas de Pitcairn tenham deixado a ilha, mudando-se para outras partes, os 138 que permanecem ainda são leais ao Movimento Adventista. Todos assistem a todas as reuniões, excepto alguns que se acham doentes. No primeiro trimestre de 1954, 100 por cento dos membros da igreja deram fielmente o dízimo.

Houve alguns problemas no passado, mas reavivou-se a fidelidade às normas da denominação. Hoje alegramo-nos em relatar que temos em Pitcairn um povo que ama de coração ao Senhor.

Justamente antes de eu partir para assistir à Conferência Geral, o irmão Christian, o amado ancião da igreja, pediu para que fosse transferida ao povo de Deus na Conferência uma mensagem de saudação. Os membros disseram: «Diga-lhes como nos sentimos gratos ao Senhor pela mensagem da verdade, e também que a igreja de Pitcairn está humildemente fazendo a sua parte para ajudar a finalizar o programa de Deus na Terra.»

Raia um novo dia para Pitcairn, pois agora passam por aqui muitos navios, tornando este um ponto de interesse a meio caminho entre o Panamá, a Austrália e Nova Zelândia. Muita literatura repleta da verdade é dada aos passageiros e tripulantes de todos os navios. Os hinos que se cantam quando os navios partem são grandemente apreciados.

No navio que recentemente me trouxe ao Panamá, ninguém ouvira falar acerca dos adventistas do sétimo dia. Os hinos daqueles ilhéus foram novidade para toda a tripulação. O capitão ficou comovido ao ouvir cantar «Eu avisto uma terra feliz». Disse-me: «Quero ouvir de novo esse hino, e tomar parte em cantá-lo, também.»

Recentemente apareceram em alguns jornais artigos difamando os hábitos culturais e morais do povo. Isso causou não pouca preocupação e mesmo tristeza. Esses relatórios não têm fundamento. Não conheço os que deixaram a ilha, mas sei que os que agora ali habitam são um povo leal e honrado. Os ilhéus de Pitcairn são um povo espiritual e amável.

Deus está abençoando grandemente este farol colocado em meio das águas do grande Pacífico, e os inimigos da verdade mais uma vez foram derrotados. — *N. A. Ferris.*

A Reforma do Calendário e a observância do Sábado

por E. Ferreira

Como é sabido, não há perfeita concórdia entre o ano solar e o ano civil. Constando aquele de 365 dias, 6 horas e alguns minutos, só com um dia intercalar de quatro em quatro anos se pode obter o acordo entre qualquer calendário e as estações.

O Calendário Actual

Têm surgido numerosos calendários, segundo os diferentes povos e civilizações.

Aquele em que se originou o nosso foi instituído em 46 antes de Cristo por Júlio César, tendo recebido em homenagem ao seu promotor a designação de *Calendário Juliano*. Baseava-se no sistema do ano comum de 12 meses e do ano bissexto em cada 4 anos.

Tendo havido um erro no cômputo, verificou-se mais tarde que o ano civil começava com dez dias de atraso em relação ao ano solar. Assim, em 1582, o papa Gregório XIII suprimiu dez dias no calendário, sem que esta interrupção implicasse qualquer interrupção do ciclo semanal. Com efeito o dia 4 de Outubro de 1582 foi uma quinta-feira e o dia seguinte, 15 de Outubro, foi uma sexta. O calendário assim modificado ficou conhecido por *Calendário Gregoriano* e é o que actualmente está em uso no mundo civilizado (1).

Inconvenientes do Actual Calendário

Os principais defeitos apontados contra o Calendário Gregoriano são os seguintes: os meses, trimestres e semestres têm diferente número de dias; esses dias não têm sempre a mesma colocação na semana; há uma oscilação de 24 a 27 dias de trabalho em cada mês.

Daqui derivam certas dificuldades, implicando desperdício de tempo e de trabalho no que respeita a salários, impostos, estatísticas e ao funcionamento de instituições financeiras.

Começou assim a pensar-se noutro sistema mais simples, que permitisse a ocorrência das datas em dias fixos e a extensão uniforme dos diferentes períodos.

(1) O Calendário Gregoriano estabelece também que, para evitar novos atrasos, o ano em que termina cada século seja bissexto uma vez em cada quatro. Assim, o ano 1600 seria bissexto, mas não 1700, 1800 e 1900.

Como o assunto interessava, e interessa, sobretudo o mundo comercial e industrial, as Câmaras de Comércio, nos seus Congressos Internacionais de 1910, 1912, 1914 e 1921 prestaram-lhe particular atenção, propondo vários projectos de reforma do Calendário. O mesmo sucedeu nos Congressos da União Astronómica Internacional de 1919 e 1922.

A extinta Sociedade das Nações chegou a estudar o problema, designadamente em 1923, 1931 e 1937, sem jamais ter chegado a uma conclusão.

A Proposta de um «Calendário Mundial»

A Associação do Calendário Mundial («The World Calendar Association»), com sede em Nova Iorque, bem organizada e ricamente financiada, estabeleceu como seu objectivo levar a efeito a adopção de um calendário perpétuo em substituição do Calendário Gregoriano. Com comissões em diferentes países, esta associação tem publicado muitos folhetos e livros advogando a adopção do Calendário Mundial, edita o periódico «The Journal of Calendar Reform» e exerce uma acção incansável nos meios científicos, comerciais e diplomáticos.

Em que consiste o chamado «Calendário Mundial»?

1 ^o Trimestre	JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO
	D S T Q Q S S	D S T Q Q S S	D S T Q Q S S
	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4	1 2
	8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30	3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30
2 ^o Trimestre	ABRIL	MAIO	JUNHO
	D S T Q Q S S	D S T Q Q S S	D S T Q Q S S
	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4	1 2
	8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30	3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30
3 ^o Trimestre	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO
	D S T Q Q S S	D S T Q Q S S	D S T Q Q S S
	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4	1 2
	8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30	3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30
4 ^o Trimestre	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO
	D S T Q Q S S	D S T Q Q S S	D S T Q Q S S
	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4	1 2
	8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30	3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

O Calendário Mundial proposto, estando assinalados com a letra M os feriados mundiais, que quebrariam a sucessão do ciclo semanal

Como podemos verificar no quadro anexo, cada trimestre seria constituído simetricamente por um mês de 31 dias e dois meses de 30 dias. Sendo assim, cada trimestre, e por conseguinte cada ano, começaria em Domingo e terminaria em Sábado.

Como, seguindo este plano, em cada ano comum sobra um dia, após o 30 de Dezembro seguir-se-ia o chamado «Dia Mundial» (indicado no quadro pela letra M), feriado, que não contaria no ciclo semanal. Apesar do dia anterior ter sido Sábado, o seguinte seria Domingo, como se não houvesse nenhum dia intermediário.

Nos anos bissextos, passar-se-ia o mesmo, após o 30 de Junho. O feriado intercalar (também assinalado no quadro pela letra M) chamar-se-ia «Dia do Ano Bissexto».

Como é fácil de verificar, a adopção de tal calendário interromperia a ordem sucessiva dos dias da semana, criando problemas religiosos que afectam as crenças de milhões de indivíduos.

O «Calendário Mundial» e as Nações Unidas

Na quarta sessão do Conselho Económico e Social das Nações Unidas, que teve lugar em Lake Success, em 24 de Março de 1947, foi pela primeira vez apresentado o projecto do «Calendário Mundial», cuja discussão, devido a circunstâncias, podemos dizer, providenciais, foi adiada indefinidamente.

Na 18.^a sessão do mesmo organismo das Nações Unidas, iniciada em Genebra, em 29 de Junho de 1954, foi de novo examinado o assunto. Não se tendo chegado a acordo sobre uma recomendação para a adopção da Reforma do Calendário, foi tomada a seguinte resolução, datada em 28 de Julho do mesmo ano:

«Notando a proposta relativa a uma reforma do calendário por acordo internacional contida no documento E/2514,

«Considerando que, para permitir um novo exame desta proposta, é necessário obter os pontos de vista dos governos dos Estados membros ou não membros da Organização das Nações Unidas quanto à oportunidade de uma Reforma do Calendário,

«1. *Pede* ao Secretário Geral que transmita o documento E/2514 e todos os outros documentos com ele relacionados aos governos dos Estados membros ou não membros da Organização das Nações Unidas,

com o pedido de que estudem o problema e façam conhecer o seu ponto de vista a este respeito pelo início do ano de 1955;

«2. *Decide* retomar o exame deste assunto ao reunir-se de novo na 19.^a sessão, já de posse das respostas dos governos.»

O documento E/2514 a que se refere esta resolução é constituído pela moção da Índia e da Jugoslávia, propondo a Reforma do Calendário, na qual se lê que «O propósito do plano é a adopção em todo o mundo, a partir de 1 de Janeiro de 1956 (2), de um novo calendário, fixo, uniforme e invariável, regulado astronômicamente pelo movimento da Terra em volta do Sol».

Aguardam as Nações Unidas que as respostas dos diferentes governos sejam dadas até 1 de Março, devendo a 19.^a sessão do Conselho Económico e Social, em que o assunto da Reforma do Calendário será examinado, ter lugar em Maio do ano corrente (3).

Encontramo-nos, pois, actualmente, num período em extremo crítico, prenhe de resultados decisivos.

Consequências Religiosas da Adopção do «Calendário Mundial»

Não está dentro do plano deste artigo, focar a indescrevível confusão e enumerar todos os inconvenientes de ordem geral

(2) Não sendo já possível que o «Calendário Mundial» entre em execução em 1 de Janeiro de 1956, os seus promotores mudaram a data para 1 de Janeiro de 1961, próxima ocasião em que o início do ano ocorrerá em Domingo.

(3) Talvez venha a propósito lembrar que, a uma consulta idêntica dirigida pela extinta Sociedade das Nações aos governos dos diferentes países, tomando como ponto de referência o projecto estabelecido pela União Astronómica Internacional na sua sessão de 1922, em Roma, respondeu Portugal, em Janeiro de 1924, nos seguintes termos:

«1. A reforma geral do Calendário não se impõe por forma alguma no momento presente, sob nenhum ponto de vista de utilidade, quer pública quer científica, e as perturbações de toda a espécie que dela resultariam inevitavelmente, durante longos anos e quem sabe se perpetuamente, são muito mais sensíveis pelos seus inconvenientes do que as vantagens presumidas. Nenhum 'melhoramento certo na vida pública e nas relações económicas' resultaria dessa reforma e ela de maneira nenhuma 'é pedida claramente pela opinião'.

«2. Em nenhum caso convém interromper por dias brancos ou fora do quadro a continuidade absoluta das semanas, a única garantia passada, presente e futura de uma eficaz fiscalização para os dados cronológicos. Longe de constituir um defeito do actual calendário, a falta de constância entre as datas e os dias da semana é não só uma vantagem, mas até uma necessidade científica, porque nenhuma investigação é perfeita, se não for corrigida por métodos de verificação independentes.»

decorrentes da adopção da proposta reforma do Calendário.

Por grandes que sejam esses inconvenientes, as objecções levantam-se particularmente no campo religioso.

É certo que há importantes movimentos religiosos que não vêem qualquer inconveniente na adopção de semelhante projecto.

Encontra-se neste caso, por exemplo, a Índia, donde partiu a moção apresentada às Nações Unidas, e que constitui um imponente aglomerado religioso.

Não é conhecida a atitude oficial do Vaticano. No entanto, segundo lemos na *Brotéria*, revista editada pelos jesuítas portugueses, «não parece haver objecção teológica nem dificuldades intransponíveis» (4).

Com a excepção de certas vozes isoladas, nenhuma acção de envergadura foi ainda desenvolvida sob este aspecto pelo mundo protestante.

Que saibamos, há apenas três movimentos religiosos que se opõem abertamente à adopção da reforma do Calendário: os maometanos, por um lado, e os judeus ortodoxos e adventistas do sétimo dia, por outro, os quais desejam preservar a santificação, respectivamente, da Sexta-feira e do Sábado.

Se se acredita que serve indiferentemente qualquer dia de repouso escolhido pelos homens entre os sete dias da semana, a reforma do calendário é em absoluto invulnerável sob o ponto de vista religioso.

Se, porém, se acredita que o sétimo dia da semana deve ser santificado, em obediência à clara Lei de Deus, e que não há autoridade humana competente para alterar os preceitos divinos, então a Reforma do Calendário constitui um dos mais flagrantes atentados contra a religião revelada.

Se a proposta reforma do Calendário for levada a efeito, o dia que desde Jesus, e até desde a criação, tem sido considerado como o sétimo dia, e que tem sido guardado como Sábado por milhões de crentes, passará a ser considerado como segunda-feira, terça-feira ou qualquer outro dia da semana, conforme as vicissitudes do calendário o exigiam.

Compreendemos, assim, claramente, quão tremendos conflitos religiosos, de especial acuidade para quem não tenha um trabalho independente, a adopção de semelhante calendário ocasionará.

Tempos particularmente difíceis aguar-

dam os fiéis observadores dos mandamentos de Deus se tal reforma for efectuada.

Que o Senhor se digne dissipar as nuvens sombrias que sobre a humanidade se adensam (5).

(4) Junho de 1954, pág. 719.

(5) Não somos sistematicamente adversos a qualquer reforma do calendário. Várias outras reformas têm sido propostas, que resolveriam os mesmos problemas, com todas as vantagens do «Calendário Mundial» e sem os seus inconvenientes religiosos.

Há, por exemplo, a proposta do «Calendário do Jubileu». Seria um calendário de 12 meses, com uma semana suplementar cada cinco anos, excepto nos anos terminados em 25, 75 ou nos divisíveis por 400.

Este calendário teria 364 dias ou 52 semanas no ano comum, e 53 semanas no ano bissexto.

Cada trimestre, excepto o último no ano bissexto, teria um mês de 31 dias e 2 de 30 dias, como o «Calendário Mundial».

O primeiro dia de cada trimestre, e portanto o primeiro dia do ano, ocorreria sempre em Domingo, e o último dia de cada trimestre, e consequentemente do ano, cairia em Sábado, como no referido calendário.

ESCOLA DO LAR

(Continuado da página 1)

poder purificador de Jesus, são presa legítima do inimigo, e anjos maus têm fácil acesso a elas. Alguns pais são descuidosos, e permitem que seus filhos cresçam com poucas restrições. Os pais têm uma grande obra a fazer quanto a corrigirem e ensinarem os filhos, levá-los a Deus e reclamar as Suas bênçãos sobre eles. Mediante esforços fiéis e incansáveis por parte dos pais, e a bênção e graças concedidas às crianças em resposta às orações dos pais, pode quebrar-se o poder dos anjos maus, derramando-se uma influência santificadora sobre as crianças. São assim repelidas as potestades das trevas.

Cruzada Missionária

A próxima Cruzada Missionária tem lugar em 5 de Março. Nesse dia, todos os membros são convidados a fazer uma saída missionária, a fim de distribuir literatura ou obter inscrições para o Curso Bíblico por Correspondência. É de esperar que esse trabalho seja devidamente organizado em cada igreja.

A Escola Rádio-Postal

per A. F. Raposo

Desejamos lembrar aos leitores da nossa Revista o importante trabalho de evangelização que a nossa Escola Rádio-Postal, ou «Curso das Escrituras Sagradas por Correspondência», está realizando junto dos seus alunos, cujos testemunhos provam o seu alto valor.

Eis o que respigamos nas muitas cartas que nos são dirigidas:

«E assim profundamente entusiasmado com o estudo das Sagradas Escrituras que V. me proporcionaram estudar, venho presentemente com esta carta agradecer-vos toda a atenção dispensada, por tudo quanto têm feito por mim. A vossa obra tão meritória bem merece a minha gratidão.» (Fanzeres).

«Não poderia eu ficar por mais tempo indiferente, sem ao menos uma palavra de agradecimento pela obra grandiosa que V. estão erguendo pelo povo. A grandeza da vossa obra ergue-se acima de toda a comparação possível, e frutifica, porque a semente maravilhosa que espalhais pela terra é aquela de que Deus se serviu para salvar a humanidade. A vossa obra é luz que alumia todos os que querem ver, e é tão pura, tão brilhante e tão clara, que a podemos chamar a Luz da Verdade. Eu, pobre operário, não tenho palavras com que possa exprimir toda a minha gratidão a V.» (Campanhã).

«Foi com imenso prazer que recebi o diploma que me foi concedido pela Escola Rádio-Postal, o que desde já agradeço; pena é que pelo menos 99 % da população de todo o mundo não tenha um igual; pois seria o ideal, que todos seguissem a doutrina de Deus.» (Porto).

«...ainda há pouco tempo que encontrei o caminho da Verdade, o que apesar de ainda ser há pouco tempo já deixei de fumar, o que antes me parecia impossível, pois que há nove anos que fumava.» (Portalegre).

«Foi com grande alegria que recebi o diploma. Estas lições foram para mim um verdadeiro alívio, pois agora sinto-me mais perto de Deus.» (Évora).

«Terminei. Muito obrigado à Escola

Rádio-Postal e, graças a Deus, por ter concluído tão útil curso. Um sincero 'muito obrigado' diz tudo.» (Ervedal da Beira).

«Sim, considero-me feliz por ter conhecido a tempo as verdades das Sagradas Escrituras. Só com o vosso auxílio — vosso curso — elas são compreendidas.» (Penacova).

«Continuo a apreciar muitíssimo as vossas lições e não sei como vos agradecer o prazer e o bem que me têm proporcionado.» (Lisboa).

«Chegando hoje ao fim do curso, venho deste modo agradecer sinceramente o interesse e o bem espiritual que me proporcionaram.» (Aveiro).

«Muito e muito obrigado e nunca poderei esquecer o que os irmãos têm feito por mim e dou graças a Deus por já ter aceitado a mensagem, tendo saído das trevas em que me debatia, estando hoje na luz, e só rogo a Deus que me ajude a sempre permanecer no caminho do verdadeiro cristão.» (Quilengues — Angola).

«O vosso curso bíblico é atraente, simples e compreensível, e estou bastante contente pelos ensinamentos que dele tenho colhido.» (Mavoió — Angola).

«Em devido tempo recebi o meu diploma bem como as vossas amáveis palavras; muito obrigado por tudo. Bastante me instruiu o curso bíblico e estou-vos grato por tal. Estou procurando pôr a minha vida de harmonia com Deus e nesse sentido escrevi uma carta ao meu chefe pedindo a dispensa do sábado; que Deus me ajude neste sentido e para tal peço também as orações dos irmãos.» (Malange — Angola).

«Acabei o curso de 30 lições e já fui diplomado pela mesma Escola. Reconheço por verdade que foi Deus quem me guiou até ao fim destas lições. Só agora posso avaliar as bênçãos em profusão e o conhecimento da «Verdade Eterna» que recebi.» (Quilengues — Angola).

«Não posso deixar de exprimir o meu sincero agradecimento a V. e a essa Escola, pois que, se não fora os seus ensinamentos, nunca teria a felicidade de encontrar algumas das tantas riquezas que se acham na lei de Deus. Creia V. que bem me custa deixar de ter comunicações com essa Escola, que, com a Palavra de Deus, tantos benefícios me trouxe. Sinto-me orgulhoso por me ter inscrito como aluno e a minha pena é de o não ter feito há mais tempo.» (Livração — Porto).

«É com grande satisfação que me pronfítico a agradecer a V. a oportunidade que me concedestes em conhecer o caminho da salvação por meio das maravilhosas lições. Sinto-me feliz e contente por chegar ao fim com enorme entusiasmo e sem a menor hesitação. Muito vos tenho a agradecer a vossa amabilidade e a dedicação que durante cerca de três meses tivestes comigo, fazendo-me acreditar que este caminho será o recto e útil a todos os cristãos. Espero em breve encontrar-me junto de vós na vossa igreja, como futuro irmão.» (Lisboa).

«Tenho grande júbilo em conhecer a verdade, e em ter aceitado Cristo como meu Salvador. Peço continuamente nas minhas orações para que o vosso trabalho seja coroado de êxito; que muitas

almas venham ao conhecimento da verdade e se salvem. Vós escolhesteis uma missão nobre, de salvar almas para Deus. Deus há-de recompensar todos os vossos sacrifícios feitos em favor da Sua causa.» (Santa Bárbara — Açores).

«Como conhecedor destes princípios — da verdadeira fé cristã — por aquisição directa dessa Escola, eu altamente digo a V. que estou maravilhado com o que aprendi durante o curso que acabei de tirar.» (S. Pedro do Sul).

Muitos outros preciosos testemunhos como estes poderíamos transcrever, mas estes bastarão para mostrar o alto valor espiritual do nosso curso de Bíblia por Correspondência.

Durante o ano de 1954 inscreveram-se 1.220 alunos e 112 concluíram o curso, mas esperamos em Deus que neste novo ano os resultados sejam muito mais animadores.

Prezados irmãos e irmãs, tendes, sem dúvida, pessoas de família ou conhecidos a quem desejais levar o conhecimento do plano da redenção e da próxima vinda em glória do nosso Salvador. Não deixeis, pois, de aproveitar os bons serviços que vos oferece a nossa Escola Rádio-Postal e Deus vos recompensará.

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO

Relatório de vendas de Janeiro de 1955

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
ORLANDO TAVARES	280	18.810\$00		18.810\$00
ANTÓNIO G. DUARTE	120	2.485\$00	3.450\$00	5.935\$00
IDALINA FERREIRA	178		3.675\$00	3.675\$00
CLEMENTE SALES	76	2.085\$00	425\$00	2.510\$00
JOÃO ANTÓNIO	176	2.430\$00		2.430\$00
LUIZA SABOGA	132		2.225\$00	2.225\$00
ADELINO DIOGO	147	1.450\$00	100\$00	1.550\$00
JÚLIA COSTA	20		1.407\$50	1.407\$50
AFONSO ANTÓNIO	187	1.365\$00		1.365\$00
FLORA SARAMAGO	114		1.052\$50	1.052\$50
MARIANA CASIMIRO	70		840\$00	840\$00
JOSÉ SANCHO	104	730\$00		730\$00
ÂNGELO FREITAS	144	720\$00		720\$00
MARIA RESENDE	310		530\$00	530\$00
JÚLIA SANCHES	100	505\$00		505\$00
DIVERSOS	71	525\$00		525\$00
	2.229	31.105\$00	13.705\$00	44.810\$00

O Sec. Publicações
Fernando Mendes



PÁGINA DA JUVENTUDE

OS JOVENS E A VIDA SOCIAL

(Continuação)

Namoro

Se bem que qualquer jovem sinta a necessidade de ter amigos e companheiros do mesmo sexo, chega um momento na sua vida em que se sente impulsionado a procurar outras afeições e amizades mas do sexo oposto. É tudo quanto há de mais normal e natural; deste modo se torna portanto visível nos jovens bem equilibrados.

O jovem começa a pensar na menina da sua eleição e fará todos os esforços possíveis para ser correspondido. Por isso arranja as coisas, conjuga os acontecimentos, para se tornar notado por aquela que deseja e pela qual nutre já certa simpatia.

Quando o jovem assim pensa, temos mais dia menos dia um namoro em começo. E se bem que hoje para se namorar não sejam necessários tantos rodeios e cerimónias como antigamente, em que tudo era solene, sério, tradicional, em que o filho ou a filha em idade de namorar apenas o podia fazer com o categórico consentimento dos pais, em que eles bastas vezes escolhiam o noivo ou a noiva para os seus filhos, segundo as suas conveniências, em que era tido em grande conta o bom nome, a reputação e fortuna da família que à sua se ia unir; hoje este acontecimento faz-se mais naturalmente, sem tantos rodeios, mas, infelizmente, por vezes, torna-se um acto banal e de somenos importância. Há, pois, estes dois extremos a evitar: nem uma demasiada formalidade nem tão pouco atitudes de desrespeito e sentimentos de banalidade. Jovens há para quem o namoro é tão vulgar, que se torna um sentimento de experiência e ensaio; sentem-se orgulhosos pela maneira como são correspondidos e por isso colecionam

tantas namoradas que por vezes rivalizam com o filatelista com os seus selos ou o numismata com as suas moedas.

Devido à grande liberdade dos nossos tempos, em que tudo é permitido e desculpável, os jovens deviam sentir pesar sobre os seus ombros o senso da responsabilidade e deviam estabelecer as suas próprias normas, estudando-as no código elaborado pela boa sociedade.

Está hoje muito em voga o amor chamado «platónico», amor à primeira vista, e depois, sem efeito. Dois jovens encontram-se pela primeira vez e ficam imediatamente apaixonados; ficam como que extasiados um no outro. Que se passa? Será realmente um grande amor que nasceu espontaneamente, ou será talvez outro sentimento disfarçado de amor? É muito possível que seja: em vez de amor deve ser talvez paixão.

A paixão surge repentinamente, enquanto o amor leva tempo. A paixão pode ser baseada em dois motivos, enquanto o amor se firma em muitos e considerados. Na paixão a pessoa ama o amor, enquanto que no amor a pessoa ama outra. Na paixão há ambição, egoísmo, desejo, enquanto que no amor a pessoa esforça-se e faz planos para agradar a outro. O elemento físico é muito mais importante na paixão do que no amor real. A paixão pode mudar rapidamente, enquanto que o amor permanece.

Mas perguntará alguém: Que dizer dos casais «feitos um para o outro» e que se amaram à primeira vista? Ambas são lindas noções, românticas, mas ambas também têm pouca valia, de facto.

A paixão à primeira vista pode ou não mais tarde tornar-se amor genuíno. E ordinariamente a paixão é baseada em 80 % na atracção física.

Frequentemente duas pessoas após um rápido convívio sentem que estão apaixonadas

nadas e que devem casar-se logo. Esta tendência é tão bem conhecida que eu pergunto se existe um estado de verdadeiro amor, quando os dois sentem que morreriam se não se pudessem casar amanhã ou na próxima semana. O amor real pode esperar. Pode fazer sacrifícios. Quanto maior é a certeza de que é paixão o sentimento e a certeza de que é paixão o sentimento e que poderá morrer tão rápido como nasceu.

Mas porque é o amor à primeira vista improvável? Por que não se pode amar tão facilmente como depois dum convívio relativamente demorado?

Webster define a essência do amor como: «um desejo, dedicados esforços para prover o bem estar do outro. O amor não é uma armadilha em que a pessoa cai. É um estado de respeito de alta simpatia e amizade profunda para com o outro, que se desenvolve no facto de que ambos têm semelhantes pensamentos, gostos, ideais, sentimentos. (E isto não advirá dum rápido encontro.» (Programa do M. V., Fevereiro 1952).

O tempo de namoro deve ser suficiente para que aqueles que vão formar o lar se possam conhecer um ao outro, resolver os seus assuntos e negócios, para que o futuro não seja um terrível pesadelo. Em face de tantos problemas a serem estudados, deve este ser um tanto longo. Casamentos apressados em geral têm um triste começo justamente porque este período de estudo foi curto demais. Deve-se, no entanto, também evitar namoros dilatados por muitos anos, porque eles são na maioria dos casos, anormais, e indubitavelmente só deveriam ser admitidos nos casos em que sejam, durante a maior parte do tempo, meros contactos despidos das naturais emoções e tendências de um namoro normal, isto não é o ideal.

Para muitos o futuro pouco interessa e os planos que se deviam fazer enquanto solteiros em vista de um desafogo e vida feliz, tanto quanto possível, são feitos agora depois do matrimónio, e então vêm que as receitas ficam muito aquém das despesas. Começam as lutas e os trabalhos; arrependem-se do passo que deram, mas agora é já um pouco tarde. Certo é, pois, o epitáfio: «Antes que cases vê o que fazes».

Se o jovem ou a jovem se enamoram, enquanto estudantes, faltando algum tempo para se formarem, devem esperar até que isso seja uma realidade. Se têm emprego liberal ou são simples operários

devem esperar até que o seu salário possa fazer face às necessidades e problemas da vida. Enquanto o jovem se firma num emprego ou se estabelece economicamente, a jovem prepara-se para as lidas da vida no lar, aprendendo os deveres que terá de executar a fim de apresentar ao marido um lar agradável, comida substancial e apetitosa e económica. Não pensar nunca que o futuro resolverá a bem as coisas e que havendo sorte tudo irá bem. Lembrem-se, jovem, sendo o futuro uma incógnita, regra geral, reserva-nos mais coisas que nos dão tristezas, do que coisas proporcionando-nos alegria.

É antes do casamento que os dois devem compreender ser este o período para planejarem e estudarem a vida comum dos tempos do matrimónio. É neste momento que todos os problemas vêm a lume, e o período do ajuste pessoal, do estudo mútuo, dos sentimentos e gostos. Período que interessa a cada um para bem dos dois.

Devem os jovens começar a namorar no momento em que tenham mais ou menos o espírito assente, os gostos equilibrados e para mim a idade ideal são os 18 anos (tudo quanto antecede esta data é demasiado prematuro). Mesmo nesta idade, os jovens não são demasiado conhecedores da vida, por isso não deviam desprezar ou menosprezar os conselhos dos pais e amigos de maior experiência. Estes ajudar-nos-ão a fazer uma sábia escolha, vantajosa para ambos. Muitas vezes a infelicidade dos filhos na escolha, daquele ou daquela, com o qual formará o lar, é proveniente da indiferença dos pais. O jovem obcecado por esta ideia de namoro, raras vezes faz realmente uma escolha sábia e justa. O pai fora pois deste círculo e portanto vendo as coisas imparcialmente, está apto a dar um bom conselho. Nunca o pai devia dizer que o futuro do filho lhe não interessa, e que depois de casado ele que se avenha; não sou eu que caso com ela, portanto isso é lá com ele. Por vezes os filhos também são culpados neste pormenor; querendo o pai dar os seus conselhos, os jovens não os recebem, dizendo que já são homens e que portanto sabem bem o que devem fazer, e que além disso quem casa com a rapariga é ele e não o pai ou a mãe. É triste este quadro quando ele se torna realidade.

Os jovens no namoro têm também uma grande responsabilidade, na maneira como o desenvolvem e vivem. Todos devem dar um bom exemplo. Deve haver entre eles respeito mútuo. Não se abalançarem a

certas práticas e que são armadilhas, tanto para um como para o outro, mas principalmente para o sexo fraco. Uma das grandes calamidades do nosso tempo é vermos grandes quantidades de matrimónios realizarem-se à pressa e prematuramente em virtude das regras do respeito, pundonor e honra não terem sido respeitadas. Este flagelo aumenta cada vez mais e está em vias de se tornar mesmo uma questão da moda.

Nem sempre certos actos e atitudes físicos são sinal evidente de completo amor, mas apenas demonstram instintos que não enobrecem mas diminuem, pelo contrário, aqueles que os praticam extemporaneamente. Todo o jovem devia ser um exemplo vivo de compostura, aprumo e nunca dar motivo a que os outros o considerem mal.

Muitas e muitas tragédias morais e sociais se têm desenrolado porque alguns jovens namorados se têm abandonado aos seus desejos de carinhos, chegando a sua paixão a dominá-los e a perturbar-lhes a razão ao ponto de sacrificarem a sua virtude ao deus da concupiscência. Muitas jovens donzelas têm sido abandonadas e desprezadas pelo seu companheiro de culpa, porque sua fácil aquiescência fê-la perder aos olhos dele o valor e encanto.

Não são também os atractivos físicos a base suficiente para manter laços bastante fortes e garantir um matrimónio bem sucedido e feliz.

Nesta atracção mútua, aquilo que deve cativar o jovem não deve ser o aspecto físico, aquilo que é visível; o que deve, sobretudo, contar são os dotes e atractivos morais daquela que elegeu no coração. Nobres sentimentos, grandeza de alma, salutar educação e sólida formação espiritual, são os grandes atributos que devem

existir na futura esposa. É isto que conta e tem mais valor que uma bela silhueta ou um lindo perfil físico.

O jovem, pensando em namorar, deve escolher uma jovem que se assemelhe à sua própria posição, alguém que se não sinta deslocado e inferiorizado quando casar. Muitas cenas tristes se têm dado porque muitas jovens, vivendo na casa paternal, rodeadas de certos carinhos e devido à sólida posição financeira, poderem contar com certos ornamentos e enfeites, se sentem agora tristes e desoladas junto dos esposos que não têm meios suficientes para lhes alimentar os mesmos hábitos e costumes satisfeitos anteriormente.

Todo o jovem pensando em casar deve fazer os possíveis para que depois desse feliz acontecimento não mais necessite do auxílio pecuniário dos pais. Deve agora procurar bastar-se a si mesmo, contar apenas consigo próprio, nas suas forças, saber e em Deus, para a manutenção da sua nova casa, que passa a ser o seu mundo.

Dando agora ao assunto uma feição religiosa, é preciso que os jovens se não esqueçam do seguinte: O homem de Tarso que foi Paulo, numa das suas cartas inspiradas diz: «Não vos prendais a um jugo desigual...» Todos os jovens em geral e adventistas em particular, como é o nosso caso, devem, antes de se lançarem e emitirem neste grande assunto, tentar compreender o significado deste versículo. Nada será mais infeliz que um lar onde esposo e esposa não comunguem na mesma fé, que não têm o mesmo sentimento e não vêm a salvação pelo mesmo prisma, e embora seguindo o mesmo Deus o fazem trilhando caminhos opostos.

Manuel Laranjeira

Emissões Religiosas

Todos os Domingos, das 22,15 às 22,45, é a Mensagem Adventista transmitida em português através de Rádio Africa Maghreb, de Tânger, na banda dos 330 m.

Ouçã e recomende aos seus amigos.

VISADO

PELA COMISSÃO
DE CENSURA

Assinar a «REVISTA ADVENTISTA» corresponde a ter à mão um repositório de artigos do máximo interesse espiritual, directrizes seguras para a marcha dos diferentes Departamentos e as notícias mais interessantes do Movimento Adventista através do Mundo e do campo português.

A CAMINHO DA LUZ

No dia seguinte, de manhã, eis-nos a caminho do sul, a caminho do Lucusse. A estrada é quase igual à da Missão da Luz. Simplesmente tem mais areia.

Mais povoada, mas também vastas regiões nuas, somente mato. Não há povoações importantes. Somente um comerciante isolado, a meio caminho. Caminhamos sempre através de mato cerrado já a alguns metros de estrada. Anoitecia e ainda nos faltava muitos quilómetros para a Missão. A nossa vista procura no escuro alguma coisa de emocionante, mas nada, nada mesmo nos surge. A uma volta da estrada vemos uns vultos atravessando-a. Será agora? Aproximamo-nos, e vemos plácidos bois, pastando junto a uma estrada, a caminho dos currais. Onde estarão os animais selvagens? Bem escondidos de nós.

Ao longe começamos a divisar umas luzes ténues, e isso indica-nos a proximidade da Missão. É um alvoroço.

Logo surgem pessoas de todos os lados, e dentro em breve nos encontramos dentro de casa.

A noite passa depressa e um novo dia está à nossa frente. Em frente da casa dois grupos de bambus elevam-se acima da casa. Ao lado da casa fica o futuro edifício do dispensário.

Caminhando para a esquerda da casa, fica-nos na nossa frente o novo edifício da escola, ainda em acabamento. É um bom edifício. Por detrás fica a casa do Pastor, e mais além a aldeia indígena.

Voltamos para outro lado, e seguimos direitos ao edifício da Igreja. Coberto a capim, é no entanto um edifício razoável, e que também até à data tem servido de escola. Para lá da igreja, fica a aldeia do pessoal da Missão.

Por detrás da casa de habitação fica o dormitório dos rapazes que frequentam a escola.

A Missão fica a poucos quilómetros do posto administrativo e de alguns comerciantes que constituem a povoação do Lucusse. Vamos caminhando agora até ao posto. A aldeia, que dissemos ficar para lá da casa do Pastor, tem um aspecto admirável de asseio e ordem. As casas, caiadas, estendem-se de um e outro lado da rua principal. As capoeiras, altas e fortes, evitam que os animais selvagens vão roubar as galinhas.

No centro da aldeia fica uma espécie de alpendre, onde os homens da aldeia se reúnem a conversar, em volta do fogo. Ali sentados em pedras ou troncos discutem os seus problemas.

Visitámos alguns comerciantes que nos contam quase todos os episódios da caça. Também pelo caminho por onde passámos, vemos ainda grandes pegadas de elefantes que por ali passaram destroçando completamente o mato.

Sábado à tarde visitámos uma aldeia onde a nossa mensagem está a entrar. As casas amontoam-se em volta de uma grande árvore. As casas estendem-se não muito juntas, com as suas cozinhas ao ar livre. Junto da árvore está uma pequena barraca de capim, onde está colocado o deus da caça. Este deus tem o feitio de um cão, feito de barro, e sobre ele é deitado o sangue dos animais que caçam, pedindo a sua protecção para as caçadas. Ao ar livre realizou-se uma reunião com agrado geral. Entre este povo, os luenas, a mensagem caminha, também, triunfante.

O tempo corre, e eis-nos novamente a caminho de Vila Luso.

Nova Lisboa é o fim da nossa etapa.

Trazemos a consoladora certeza de que a obra avança, pois Deus ajuda-a e abençoa-a. Deus protege a vida daqueles que vivem isolados no meio do mato, somente a Ele entregues.

Joaquim Alegria Morgado

Todos devem reputar como um dever cristão ser breves na oração e expor ao Senhor o que desejam sem divagações nem rodeios. Nas orações privadas cada qual tem a direito de orar o tempo que lhe aprouver e de ser tão minucioso quanto deseje. Poderá então orar pelos amigos e parentes. É o quarto o lugar onde podemos estender-nos sobre as nossas dificuldades, provações e tentações pessoais. Nas reuniões para culto divino devemos abster-nos de desabafar os nossos corações a respeito de negócios íntimos e particulares.»
— Testemunhos para a Igreja, p. 138.

NOTÍCIAS DO CAMPO

R. R. FIGUHR — Vindo da África do Sul, e a caminho dos Estados Unidos, passou connosco a tarde do dia 13 de Janeiro o Pastor R. R. Figuhr, Presidente da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia.

A. V. OLSON — Esteve em Lisboa, de 28 a 31 de Janeiro, o Pastor A. V. Olson, Vice-presidente da Conferência Geral. Tivemos o privilégio de o ouvir no culto de Sábado de manhã, na reunião dos jovens nesse mesmo dia à tarde, e no domingo à noite.

D. E. REBOK — Vindo da América, seguiu no dia 31 de Janeiro, no mesmo avião em que partiu o Pastor Olson para a África do Sul, o Pastor D. E. Rebok, Secretário de Campo da Conferência Geral. Tivemos apenas tempo para o cumprimentar no aeroporto.

KARL HEINZ MOHR — Passou cerca de duas semanas, em Lisboa, o irmão Karl Heinz Mohr, jovem adventista alemão, que actualmente está trabalhando na marinha mercante. Falou aos jovens de Lisboa no sábado, 8 de Janeiro.

CONFERÊNCIA PORTUGUESA

Porto

Depois da última reunião de negócios da Igreja efectuada em Janeiro, referente ao ano de 1954, verificou-se com satisfação quanto Deus fez por nós. Findou o ano de 1954 com muitas vitórias alcançadas. A primeira foi no aumento das receitas financeiras, visto ter-se alcançado todos os alvos estabelecidos pela União e ultrapassado alguns em muito. Na parte que diz respeito a dí-zimos reparamos num aumento de oito mil escudos fora os que chegaram depois dos relatórios terem sido enviados. Disto depreende-se uma parte do grau de espiritualidade de cada crente. A vitória que mais temos a destacar foi sem dúvida as vinte almas arrependidas que se lançaram aos pés de Jesus. Vinte baptismos não foi muito, para comparar com tantas almas que morrem sem o conhecimento da nossa mensagem. E nisto há a constatar a importância que temos em olhar mais confiantes para o muito que temos a fazer.

Resta-me a consolação de saber que a minha Igreja está bem disposta a coadjuvar com este vosso criado na divulgação dos princípios religiosos que nos animam e nos estimulam ao trabalho. O trabalho mais importante que jamais foi dado ao homem, foi sem sombra de dúvida o de salvar almas para o reino dos céus. Cada dia que passa mais se acentua a gravidade da situação dos povos, e nos deixa transparecer que vivemos nos tempos do fim. Resta-nos a prerrogativa como povo de Deus de pôr em acção as nossas faculdades e conhecimentos das Verdades do Evangelho que o Senhor nos concedeu em favor das preciosas almas que morrem sem a esperança que germina em cada coração adventista. Ou então constataremos no futuro o que se tem visto no passado — muitos perderam a fé e esperança, isto é: passar por um arrefecimento total da espiritualidade que os animava na sua carreira cristã. Ai, o diabo venceu. Que grande pena não devemos

nós sentir por todos eles?!... O ócio dos crentes é a causa e só a ele podemos atribuir a grande catástrofe.

A Igreja do Porto está mais do que convencida de que o tempo está próximo e o último minuto que há-de decidir a sorte da humanidade está chegando ao seu auge.

Estamos ouvindo as advertências do Senhor através do Seu profeta Isaías: «Levanta-te, resplandece...» (Isa. 60:1).. Como pode uma alma resplandecer se não transmitir a luz que recebeu do Senhor e se a sua vida não estiver de harmonia com a vontade de Deus? Como pode um crente levantar-se e ouvir o «vinde a Mim» final de Jesus se na vida ele nunca fez algo em favor de uma alma só que fosse? Pobre daquele que deixou perder o seu primeiro amor e agora se encontra indiferente ao esforço missionário que sua Igreja está levando a cabo nesta hora tremenda que vivemos. S. Paulo prevendo tudo isto diz: «Desperta tu que dormes...» (Efés. 5:14). «Após a luta nesta terra, reservado está um repouso para os que venceram pela fé. «Mas para vós que temeis o Meu nome nascerá o sol da justiça e salvação trará debaixo das Suas asas.» (Malaq. 4:2).

Oremos para que o Espírito Santo desça sobre nós e nos ajude a levar avante a grandiosa obra do Senhor.

Vosso dedicado

José Júlio Pires

Tomar

Olhando de relance para o ano que findou, agrada-nos constatar como Deus abençoou a Sua Igreja em Tomar. Temos sentido a mão do Senhor proteger e promover o ministério da Sua Palavra. Todos os nossos alvos foram alcançados e em resultado da obra dos últimos meses seis almas nos foram concedidas e vieram aumentar as fileiras da nossa Igreja. Sejam estas almas, tão preciosas aos olhos de Deus, protegidas pelo poder do Altíssimo e, guardando os mandamentos do Senhor, permaneçam no Seu amor.

A nossa festa de fim do ano foi alvo de muita apreciação. Fizemos, como nos outros anos, distribuição de roupa e agasalhos aos pobres. Foram distribuídos nesta ocasião pela sociedade «Dorcas» cerca de 300 peças de roupa avaliadas em perto de 2.000\$00 e também artigos de mercearia aos mais necessitados. A obra de beneficência da nossa Igreja é bem conhecida na região. Chegaram a vir de longe bater à nossa porta perguntando «se era aqui a assistência»!

Não nos alegra apenas o socorro material que prodigaliza a nossa Igreja: agrada-nos sobretudo o que pode a nossa mensagem para auxiliar espiritualmente almas aflitas, ou em pleno desespero. Deus as encaminhou para nós e aí encontraram «o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê».

As nossas reuniões foram bem frequentadas, o que nesta região é por vezes difícil. No Entrocamento igualmente temos, além do nosso grupo de membros, um bom núcleo de interessados. Planamos dar a conhecer a mensagem a certas áreas da nossa região onde ela não foi ainda proclamada, certos que somos de que o auxílio

divino que até aqui nos acompanhou não nos faltará para o futuro.

José Abella

Vila Real de Santo António

É com muito prazer que acedemos ao pedido do irmão Fernando Mendes de mandar para a «Revista Adventista» algumas notícias das actividades dos M. V. Jovens da nossa Sociedade.

O número de jovens inscritos já foi maior do que aquele com que fechámos o relatório de 1954; porém, graças ao Senhor e às boas reuniões que nas últimas semanas vimos realizando e, muito em especial, à Festa do Natal, o número de inscrições já aumentou.

A Festa do Natal, para a qual se organizou um bem elaborado programa com boa música, coros a quatro vozes, poesias, diálogos e peças alusivas ao assunto em questão, atraiu cerca de 150 pessoas que encheram a nossa linda sala e agradou plenamente, sendo felicitados por inúmeras pessoas, algumas das quais se inscreveram na nossa Sociedade no desejo de beneficiarem com as nossas actividades e nelas colaborarem.

Para o êxito da nossa festa, justo é salientar, muito contribuiu o nosso Pastor Sr. José Grave, assim como os seus Filhos, que muito a animaram, quer tocando, quer cantando ou recitando, pois tudo o que executaram agradou imenso, não sendo de esperar tanto deles devido à sua tenra idade. O pequeno Samuel Grave, com os seus quatro anos apenas, foi o nosso mais pequeno colaborador, mas, não obstante ser tão pequenino, «encheu» a casa com a sua graça.

De um modo geral todos os nossos rapazes e meninas deram o melhor do seu esforço e boa vontade, todavia salientou-se uma boa dezena destes jovens, cuja habilidade já é conhecida bem longe do nosso Algarve. Para estes vão também os nossos aplausos e agradecimentos pela sua esplêndida cooperação e ficamos com a esperança e convicção de que continuarão a deliciar-nos em cada reunião.

Temos perto de duas dezenas de jovens preparados para uma investitura em diferentes grupos das classes progressivas, para o que aguardamos, ainda em Janeiro, a vinda do Sr. F. Mendes, como temos um bom número de pedidos dos bons livros que constituem o Curso de Leitura dos Jovens para o ano corrente, provas bem eloquentes do bom espírito que nos anima a todos no princípio deste novo ano.

Aproveitamos esta oportunidade para saudar os nossos consócios e confrades de todo o nosso campo português por intermédio da «Revista Adventista», formulando os mais sinceros votos de actividades muito úteis e bem sucedidas em favor de muitos jovens em todo o nosso querido Portugal.

Pela Direcção do M. V. de Vila Real de Santo António,

J. Simões Grave

MISSÃO DE CABO VERDE

Fogo

A despedirmo-nos do ano de 1954, reunimo-nos em Curral Grande, na noite de 24 de Dezembro, numa festa espiritual dedicada à Juventude da nossa Igreja, que mais uma vez reiterou o seu voto de verdadeira reconsagração a Deus para a consecução de grandes vitórias durante o ano de 1955.

No dia seguinte, sábado 25, foi o remate da

festa, com a presença de quase todos os membros da Igreja, interessados e amigos. Houve cinco baptismos e uma abençoada cerimónia da Santa Ceia.

Graças a Deus, treze almas foram baptizadas durante o ano de 1954, de modo que a Congregação do Fogo conta, actualmente, 1113 membros. E agradecemos também ao Senhor por esta Igreja haver atingido todos os seus objectivos financeiros, e até ultrapassado.

O êxito alcançado durante o ano passado e que será um estímulo para uma eficiência maior nas actividades missionárias do ano em curso, é, sem dúvida, o notável resultado das constantes Campanhas levadas a efeito pelo zelo e constância dos membros da Igreja do Fogo, pois todos trabalham, contentes, e com alegria de bom êxito a transparecer no semblante, não obstante as múltiplas dificuldades do meio a contrastarem com a pobreza de muitos deles.

E para que os nossos esforços sejam coroados de bom êxito, todos nós estamos convencidos de que os métodos rotineiros que adoptávamos na obra de evangelização, devem ser substituídos por outros melhores, mais eficientes e prometedores de bom êxito, para o que temos a imitar os métodos de Moody: «Sair pelos caminhos e pelos valados, e forçar os transeuntes, os vizinhos e os amigos a entrar», segundo a recomendação do Mestre.

Na Reunião do Conselho da Escola Sabatina de 15 do corrente, os membros componentes propuseram um alvo de seis baptismos durante o primeiro trimestre do ano em curso; e estamos graças a Deus pelo bom funcionamento da nossa Classe Baptismal em várias localidades, o que nos permitirá realizar os primeiros baptismos em Março.

E agora desejando a todos nós, no vasto Campo que nos está confiado, um ano cheio de vitórias em todos os ramos departamentais, cá fico, orando por nós e, também, por vós.

Gregório da Silva Rosa

REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO EXCLUSIVAMENTE RELIGIOSO
E DE INFORMAÇÃO DA IGREJA
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

DIRECTOR: ERNESTO FERREIRA

ADMINISTRADOR: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, J. A. Esteves,
E. Ferreira, M. Lourinho, E. Miranda, S. Reis e
M. Miguel.

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cont., Ilhas e Províncias Ultramarinas

Número avulso 1\$50

Assinatura anual 15\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.

32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA